

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Josemildo Gomes Correia Júnior

EVASÃO ESCOLAR NA EJA

Garanhuns

2013

Josemildo Gomes Correia Júnior

EVASÃO ESCOLAR NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientador: Prof. Dr^a. Heloisa Flora Brasil Nóbrega Bastos.

Garanhuns

2013

Ficha Catalográfica
Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Setorial UFRPE/UAG

C824a Correia júnior, Josenildo Gomes
Evasão escolar na EJA/Josenildo Gomes Costa Júnior.
Garanhuns, 2013
31 f
Orientador: Heloisa Flora B. Nóbrega Bastos
Monografia (Curso de Bacharelado em Pedagogia) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade
Acadêmica de Garanhuns, 2013.
Inclui anexos e bibliografias

CDD: 374

1. EJA: educação de jovens e adultos
 2. Evasão escolar
 3. Métodos de ensino
 4. Pesquisa – Permanência escolar
- I. Bastos, Heloisa Flora B. Nóbrega
II. Título

Josemildo Gomes Correia Júnior

EVASÃO ESCOLAR NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Heloisa Flora Brasil Nóbrega Bastos - UAG/ UFRPE

Prof^a. Ma. Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos Vasconcelos - UAG/ UFRPE

Prof^a. Ma. Maria José Gomas Cavalcanti – UAG/ UFRPE

A Deus, primeiramente por ter me dado força, coragem, para poder trilhar os meus estudos. Aos meus pais, pelo incentivo desde criança a minha educação, aos professores que me ajudaram nos momentos em que desanimei no percurso da minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é fácil, não quero cair no pecado de esquecer alguém, por isso agradeço a Deus por ajudar a concluir essa grande caminhada.

Quero agradecer a minha orientadora, Prof^a. Dr^a: Heloisa Flora Brasil Nóbrega Bastos, a todos os professores que passaram pelo curso de Licenciatura em Pedagogia no qual estou concluindo, com seus conceitos, teorias e ensinamentos.

Aos colegas de turma, que desde o primeiro período estávamos juntos enfrentando as tempestades de conhecimento e as turbulências de ansiedade, às escolas que abriram suas portas para que eu pudesse fazer as pesquisas. Enfim, agradeço a todos, que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste trabalho.

“Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”, (FREIRE, 2002, p. 58).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar a taxa de evasão que oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA), caracterizar a metodologia de ensino da modalidade EJA; traçar um perfil socioeconômico dos alunos, e por fim, identificar os motivos de volta à escola e de sua permanência. Tomamos como objetivo geral a análise das relações entre evasão escolar, a volta á escola, a metodologia de ensino e o perfil socioeconômico e sócio- cultural dos alunos. O estudo terá embasamento de teóricos e pesquisadores, como: Freire, Barcelos, Arroyo, Tavares e Gonçalves, entre outros, que servirão de subsídios para tentar suscitar a questão que norteia o trabalho em questão: Quais são as principais causas que levam os alunos da EJA a não permanência regimental na sala de aula e por quê da volta e sua permanencia? Os resultados obtidos apontam para a melhoria das condições de vida como causa principal para a volta e permanência, enquanto as condições de trabalho aparecem como responsáveis pelo afastamento.

Palavras-chave:

Modalidade de ensino. EJA. Evasão. Aluno. Especificidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	10
2.2 EJA: UMA EDUCAÇÃO POSSÍVEL?.....	13
2.3 IDEIAS E CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE.....	16
2.4 PRINCIPAIS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	20
3 METODOLOGIA.....	23
4 ANÁLISE DE DADOS.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE A- ENTREVISTA	
APÊNDICE B- QUESTIONARIO	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender o problema da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), apresentando diversos fatores, que poderão acarretar e contribuir para a existência da problemática. Isso foi feito porque a evasão escolar é constatada em todos os níveis escolares, mas revela-se preocupante nos contextos de Educação de Jovens e Adultos. Em Garanhuns, especialmente, e nas escolas de periferia, em que essa modalidade de ensino é efetuada, as porcentagens são bastante altas.

Como consequência, e de grande importância analisar e verificar a evasão escolar na EJA, que está dentre os temas que historicamente fazem parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira, e que são observadas.

Segundo Oliveira (2002, p. 20),

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre essa escola e os alunos que dela se servem, embora não possamos desconsiderar, a esse respeito, fatores de ordem socioeconômica que acabam por impedir que os alunos se dediquem plenamente a seu projeto pessoal de envolvimento nesse programa.

Sendo assim, pretendo com este trabalho, verificar a taxa de evasão e a metodologia de ensino, traçando um perfil socioeconômico e sócio-cultural dessas escolas, de modo a identificar causas e motivos da evasão escolar, assim como da volta à escola e de sua permanência, para os alunos da EJA, que sendo cidadãos críticos, que não aceitam as ideologias impostas pelos outros.

Como subsídio teórico, pretendo usar obras de autores, como por exemplo, Meksená (1998), com sua afirmação sobre evasão escolar, enfatizando a necessidade de trabalho, como um dos fatores pioneiros que qualifica os indivíduos da EJA a serem "(...) obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário". (MEKSENA, 1998, p. 98). De acordo com o que condizem as necessidades da sobrevivência humana, como ser vivente e incumbido de seu próprio sustento e na maioria das vezes de sua família, os indivíduos da EJA tornam a evadir-se dos cursos, transformando a evasão em uma rotina constante nos cursos da EJA, a evasão escolar.

A evasão escolar na EJA é absolutamente séria, conforme mostra Bachelos, (2007, p. 88) *“Um dos maiores desafios para a EJA é não apenas incentivar a chegada deste educando, mas como, a partir daí incentivar a sua permanência”*.

Freire (1987) enfatiza o diálogo e a prática como formas de conscientização e liberdade da alienação das classes dominantes sobre os oprimidos, destacando uma metodologia de ensino significativa, levando em consideração as especificidades dos educandos.

Com base nos autores acima entre outros, pretendemos responder aos seguintes questionamentos:

Quais são as principais causas que levam os alunos da EJA à não permanência regimental na sala de aula e por que da volta e sua permanência?

Para obter as informações que permitam responder aos questionamentos anteriores, construímos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Analisar as relações entre evasão escolar, à volta à escola, a metodologia de ensino e o perfil socioeconômico e sócio-cultural dos alunos.

Objetivos Específicos:

- Identificar a taxa de evasão que oferece o EJA;
- Caracterizar a metodologia de ensino essa modalidade;
- Traçar um perfil socioeconômico dos alunos;
- Identificar os motivos de volta à escola e de permanência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos teve início no Brasil nos anos de 1940, mas somente com o fim da ditadura, em 1945, a EJA teve destaque no âmbito da educação elementar comum. Em 1947, a educação de adultos lançou uma campanha que pretendia de início uma alfabetização em três meses e mais o curso primário em dois períodos de sete meses. Nesse período, aumentou a reflexão em torno do analfabetismo no Brasil, que era concebido como causa, ao invés da situação econômica, social e cultural, contribuindo para que o adulto fosse visto como incapaz marginal, e mesmo com sua experiência de vida também era visto como uma criança grande, desvalorizando todo seu conhecimento adquirido pela idade.

Durante a campanha, essa visão foi se modificando, superando o preconceito em torno do adulto e passando a vê-lo como ser produtivo, capaz de pensar e tomar decisões. Ela foi marcada por grandes avanços em torno da EJA, sendo a primeira vez em que o Ministério da Educação lançou o método de Ensino Laubach, um material didático específico para leitura escrita para os adultos. Esse material foi distribuído para as escolas supletivas do país, onde se estudava pelo método das cartilhas.

No final da década de 1950, surgiram muitas críticas aos métodos utilizados, pois eles não promoviam a alfabetização em curto prazo, não atendiam as especificidades de cada região, necessitando de uma intervenção para esse problema, que teve como referência o educador pernambucano Paulo Freire que tinha propostas para alfabetização de adultos. Nos anos 1960, Paulo freire inspirou vários programas que foram realizados no país, e que eram formados por intelectuais, estudantes católicos, MEB, CNBB, Cento de Cultura Popular e a UNE. Todos esses movimentos tinham apoio das administrações municipais, pressionando o governo federal para apoiar e estabelecer uma coordenação nacional das iniciativas.

Em 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que tinha objetivo de promover uma alfabetização por todo Brasil, inspirado pela proposta de Paulo

Freire, que tinha como finalidade uma alfabetização conscientizadora, cujo princípio era “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, que tinha como objetivo que o adulto assumisse que era sujeito de sua aprendizagem.

Foram produzidos vários materiais didáticos criados pelos municípios, os quais eram compostos por palavras geradoras, imagens, sílabas e frases para leitura.

Como golpe militar, em 1964, os programas de alfabetização e educação popular multiplicaram-se, sendo vistos como ameaça à ordem, até 1967, o governo assumiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), sendo expandido nos anos 1970 por todo Brasil. O Programa de Educação Integrada (PEI), correspondia ao curso primário. Esses movimentos não visavam à reflexão da leitura e escrita. Isso tudo contribuiu para que grupos da Educação Popular continuassem a realizar pequenas experiências isoladas de alfabetização, com propostas que levassem o aluno a pensar, que foram se ampliando nos anos 1980. Essas experiências construíram canais de trocas entre si, reflexão e articulação.

O profissional, ao elaborar seu plano de aula, deve estar atento para as especificidades de sua turma, para que não leve esse aluno a desistir novamente da escola. Para isso, três aspectos contribuem para favorecer o ensino da EJA: a condição de não criança, a condição de excluído da escola e a condição de membros de determinados grupos sociais.

A condição de não criança refere-se a que, mesmo sem ser alfabetizado, o aluno da EJA tem todo conhecimento de mundo e deve ser valorizado pelo professor. Portanto sua prática e materiais utilizados devem estar de acordo com essa faixa etária.

A condição de excluído da escola está relacionada aos fatores econômicos, sociais, práticas pedagógicas que excluem esse aluno, levando-o para o fracasso escolar e, conseqüentemente, a desistência.

A condição de membro de determinados grupos sociais direciona a especificidade sócio-cultural dos seus alunos da EJA. As práticas utilizadas para a EJA não levam em conta as especificidades da EJA. Segundo Freire (2007, p. 29) *“Ensinar não é transferir, depositar conhecimento no educando, mas criar*

possibilidades para a produção ou construção do conhecimento". Para isso, é preciso uma prática que exija respeito ao jovem e adulto, à sua trajetória de vida, a seus conhecimentos adquiridos, aos fatores internos e externos que os levaram à desistência escolar.

2.2. EJA: UMA EDUCAÇÃO POSSÍVEL?

O texto político direcionado à Educação de Jovens e Adultos/EJA se iniciou a partir de aprendizagens de caráter geral, relacionadas a saberes cognitivos, práticos, ético-valorativos, emocionais, estéticos e sócio/interativos; como também saberes específicos relacionados à alfabetização e ao domínio de habilidades matemáticas básicas, além do objetivo de promover uma educação de qualidade social para a população jovem, adulta e idosa não alfabetizada, assegurando seu ingresso e permanência no processo educativo, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para sua inclusão e seguridade social.

Para viabilizar essa concepção, os eixos estruturantes integram ao currículo questões sociais, abordando a formação no campo conceitual e construindo articulações com palavras que alimentam os temas geradores que visualizam as crenças e valores subjacentes das problemáticas em questão, enfatizando a formação de identidade, cultura, discriminação, direitos e deveres, cidadania, estado e poder público, etnia, raça, gênero, saúde, sustentabilidade, lazer e entretenimento para desenvolvimento sustentável. De acordo com a LDB, Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Seção V, Da Educação de Jovens e Adultos Art. 37.

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

A EJA coloca-se na perspectiva do princípio estabelecido pela Secretaria de Educação de Pernambuco, para orientar o conjunto de suas ações: a Educação como direito humano e em direitos humanos, permeando todas as ações e orientações, contemplando as dimensões: diversidade, interculturalidade, etnia, gênero e meio ambiente, em uma perspectiva integradora, compreendida como processo sistemático e multidimensional que orienta a formação dos sujeitos.

Segundo A lei 10.172, de 09 de Janeiro de 2001:

Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE – que determina, como um dos objetivos em meta da educação de jovens e adultos, a criação de programas de alfabetização, visando erradicar o analfabetismo no país, estabelecendo políticas que facilitem parcerias para o aproveitamento dos espaços ociosos existentes na comunidade.

Nessa perspectiva, não visamos apenas abordar os pontos positivos ou negativos da EJA, mas fazer uma análise crítica e reflexiva das influências políticas educacionais que permeiam e fundamentam sua teoria e prática. Assim sendo, temos como objetivo entender e desnudar o sentido da EJA na vida dos jovens e adultos, suas perspectivas para a escola, suas relações existentes entre o cotidiano e sua vida de trabalho, bem como o processo de alfabetização na construção de sua cidadania.

As estratégias pedagógicas que orientam a ação alfabetizadora em todos os momentos têm como objetivo precípua dos eixos estruturantes apresentar desafios que convidem os alfabetizados a reposicionarem-se, a verem-se como sujeitos de direitos e a participarem ativamente da busca de uma sociedade mais justa. É nessa linha de raciocínio que acredita-se que a EJA é regida e administrada em um rumo de uma educação possível em todos os aspectos, tendo em vista que está diretamente ligada às leis educacionais vigentes, garantindo o direito à educação.

Segundo a Constituição Da República Federativa do Brasil, do ano de 1988:

Art. 205. “A educação, direito de todos e um dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 56).

De acordo com o Art. 205, definido em um sentido social e político, que diz respeito à história da população do Brasil, as estratégias delineadas contribuem para o debate sobre a política partindo do uso da ética utilizada por intelectuais e educadores brasileiros quando se deparam com a realidade e usufruem de sua formação e responsabilidade social para apontar estratégias e tentar amenizar a desigualdade criada ou reproduzida pela complexa vivência social, desmistificada pelas leis, garantindo o direito a uma educação de qualidade para todos, assim se apoiando em sua qualificação e contribuindo para a formação de pessoas autônomas e participativas socialmente, tirando as “viseiras” culturais da

incapacidade do desenvolvimento de um país construído à base de interesses políticos e sociais, e não interesses particulares da minoria.

2.3. IDEIAS E CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE

Aos 15 anos, era considerado um estudante atrasado, que escrevia errado. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, em 1921, e impressiona pelo seu destaque como educador. Paulo Freire viveu no seio de uma família fortemente afetada pela crise econômica em 1929, e conviveu com a fome de perto. Essa foi uma das razões de ter iniciado seus estudos tardiamente. Devido a esse convívio com os menos favorecidos financeiramente, influenciou diretamente com os analfabetos e pessoas oprimidas pela classe dominante, que certamente Paulo Freire, que poderia se tornado apenas mais um oprimido das classes se destacou como pioneiro na erradicação do analfabetismo e se tornou “pai” da EJA.

O Sistema Paulo Freire de alfabetização e conscientização foi uma das primeiras experiências do Plano Nacional de Alfabetização (1962-1964). No Movimento de Cultura em Recife, aconteceu uma das primeiras amostras das experiências iniciais do sistema de alfabetização e conscientização de Paulo Freire, em 1962: teve início primeiramente no Centro de Cultura Dona Olegarina, depois com um grupo de operários da Prefeitura. Ainda em 1962, ocorreu sua sistematização, no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Paralelamente, Paulo Freire e sua equipe assessoraram a CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba na implantação do sistema em João Pessoa, pioneiramente trabalhando com um grupo de domésticas da JOC - Juventude Operária Católica e, em seguida, com diversos grupos em bairros operários. Porém a experiência que lançou o sistema foi à experiência de Angicos, Rio Grande do Norte, em meados de 1963. Nesse ano em que se passavam essas marcantes mudanças, Paulo Freire supervisionou a implantação dos círculos de cultura em cidades satélites de Brasília, fortalecendo seu reconhecimento por parte Ministro da Educação.

Nesse mesmo ano, acontecia uma marcante mudança no sistema educacional e no plano nacional da educação, principalmente tendo em vista sua adoção por grupos universitários e secundaristas, mobilizados pela UNE - União Nacional dos Estudantes, pelas UEE — Uniões Estaduais de Estudantes e

coordenados principalmente pela Ação Popular, por suas lideranças estudantis daquela época.

No final do ano de 1963, o Ministério da Educação, ministrado por Paulo de Tarso e Júlio Sambaqui juntamente com Paulo Freire e sua equipe, viabilizaram a elaboração do Plano Nacional de Alfabetização, devido ao sucesso das experiências acompanhadas diretamente por Paulo Freire e sua equipe e o amplo conjunto das outras iniciativas.

O Plano teve início na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. A formação da equipe e coordenadora, a seleção, o treinamento e a contratação dos animadores, assim como a pesquisa do universo vocabular, a escolha das palavras geradoras, a preparação do material, e a redação de instruções ocorreram no final de 1963 e início de 1964. No entanto, foi drasticamente interrompido no início de abril de 1964, sem nem mesmo ter iniciado.

Inúmeros fatores impulsionaram o crescimento do Sistema Paulo Freire, que foi retomado nos anos 1960. Certamente o primeiro desses fatores era a consciência da gravidade do problema do analfabetismo no Brasil: estimava-se que mais de 50% da população maior de 14 anos era analfabeta.

Nesse período, o analfabetismo torna-se um mecanismo perceptivo no campo da política, pois os analfabetos estavam constitucionalmente impedidos de votar e acreditava-se que a inserção de um grande número de pessoas recém-alfabetizadas como eleitores poderia mudar a composição dos órgãos da atual estrutura político-partidária e alterar significativamente a relação de forças no cenário político nacional.

Em seguida destacam-se as ideologias de toda uma geração, através do movimento estudantil e de profissionais, que se lançaram no plano sócio-cultural, através de ações educativas com forte conteúdo político-ideológico. Entre esses, outros movimentos populares tiveram influências diretas ou indiretamente das ideologias de Paulo Freire. No que se destaca é que, esta geração tomava como ponto de partida o desafio do que supunha uma nova visão de mundo e a descoberta de uma nova dimensão da consciência, Freire (1981, p. 117) “(...) a *prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação.*” É essa linha de raciocínio que fundamenta as

ideologias e métodos de Freire, em uma educação significativa, respeitando as especificidades de cada grupo, e em destaque da EJA, uma educação pela palavra, consciente, na qual possa formar indivíduos críticos, que se identifiquem como seres sociais participante ativamente, que não fiquem a margem da sociedade e dos interesses da elite.

Freire escreveu mais de 30 livros. Sua primeira grande obra "A educação como prática de liberdade", foi completada, quando estava exilado na Bolívia e em seguida no Chile, destacando os conceitos de democracia e participação. No entanto, só em 1967, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos que ele escreveu a "Pedagogia do Oprimido", uma das obras mais marcantes em sua carreira. Nela, traz uma educação pela palavra, consciente, sem viseiras. Em suas obras, Freire:

(...) traduz em forma de lúdico, saber socio-pedagógico, sua grande e apaixonante experiência de educador. Experiência e saber que se dialetam, densificando-se, alongam-se dando, com nitidez cada vez maior, o contorno e o relevo de sua profunda intuição central: a do educador de vocação humanista que, ao inventar suas técnicas pedagógicas, redescobre através delas o processo histórico em que, e por que se constitui a consciência humana. (1987 p.3).

Freire traz em suas obras, sua vida, experiências de vida, de sua carreira profissional em batalha na erradicação do analfabetismo, tanto quanto uma pedagogia pela autonomia do indivíduo, através de temas geradores, no desenvolvimento e aquisição da escrita, de acordo com os seguintes pressupostos:

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global. A aquisição do sistema escrito é um processo histórico, tanto a nível ontogenético, como a nível filogenético. O sistema escrito é produzido historicamente pela humanidade e utilizado de acordo com interesses políticos de classe. O sistema escrito não é um valor neutro. (FREIRE, 1996, p.59).

Neste caso, não se trata de um trabalho de uma mera técnica de alfabetização, e sim, de um método coerente com o posicionamento histórico da cidadania, deixando bem claro que para a alfabetização é necessária a conscientização. Somente um método que atua inicialmente pela palavra, valorizando a ação e o diálogo, é capaz de ser coerente com os métodos abordados, fazendo-se necessário para que aja uma eficácia dessas mudanças, modificações

significantes também nos conteúdos programáticos e da forma na qual vêm sendo trabalhados esses conteúdos.

2.4. PRINCIPAIS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As discussões em torno da Educação de Jovens e Adultos – EJA – envolvem temas diversos, e inúmeras variáveis relativas às suas problemáticas, dentre as quais, a que se refere ao fato de que essa modalidade de ensino é destinada a um público de trabalhadores, pessoas que, de uma forma ou de outra, foram “reprovadas” em algum momento da vida e “obrigadas” a abandonar seus estudos, ou mesmo por falta de incentivo dos familiares. Indivíduos que se encontram na fase economicamente ativa da vida, estejam ou não empregados formalmente entre outros motivos. Para Arroyo, (2006, p.23): “(...) *Os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade.*” Esses são fatos inegáveis e que não podem ser dissociados, de forma alguma, do contexto da vivência da EJA e seus estudantes, pois se destaca a essa educação especificidades, que não se percebe de tal forma em outra modalidade e que interferem diretamente na prática dos professores em sala de aula.

São enfatizadas inúmeras relações que essa realidade permite visualizar, inúmeros motivos que, repetidamente, determinaram a fragmentação da trajetória escolar desses cidadãos e a sua exclusão das salas de aula. Dentre tais motivos, supõe-se que um dos mais marcantes, é a necessidade de trabalhar para o próprio sustento e da sua família, que é pertinente a acontecer ainda na adolescência, e em alguns casos na infância, descumprindo até mesmo o direito à educação dos mesmos.

Essa proteção legal sobre a infância, quando diante da carência que expõe as crianças à fome e à miséria, torna-se, infelizmente, letra morta da lei, de acordo com a necessidade de trabalhar para a conquista da sobrevivência, que na maioria das vezes afasta o indivíduo ainda criança da escola, permanece ao longo da vida afetando-o quando jovem e adulto, desencadeando suas saídas e retornos da sala de aula, um processo contínuo na sua trajetória escolar ao longo de sua vida.

São várias as dificuldades enfrentadas para permanência dos indivíduos da modalidade EJA em sala de aula, entre elas estão, as influências das mudanças sociais, a competitividade do mercado de trabalho, os reflexos dos países

capitalistas e o desenfreado desenvolvimento das novas tecnologias, que exige cada vez mais pessoas capacitadas, sem deixar de salientar as outras influências destacadas acima, partindo do seguinte pressuposto:

(...) o grande problema da metodologia expositiva, do ponto de vista pedagógico, é seu alto-risco de não aprendizagem, em função do baixo nível de interação sujeito-objeto de conhecimento-realidade (o grau de probabilidade de interação significativa é muito baixo. (VASCONCELLOS, 1995, p.22).

Ficam bastante visíveis as inúmeras variáveis que influenciam a evasão escolar da EJA. Isso sugere, portanto, que é preciso uma reestruturação do sistema educacional que interfira diretamente nas lacunas que permeiam a fragilidade do aluno de ser “obrigado” a abandonar seus estudos por necessidade de sobrevivência, sua e de sua família. Por outro lado, faz-se necessário um novo quadro educacional, que torne a sala de aula um lugar atrativo para o aluno e para o profissional em educação que atua na modalidade EJA. Assim, possivelmente se realizando uma educação de qualidade, que propicia aos alunos dos cursos da EJA, um retorno esperado, preparando-os para a vida e para o mercado de trabalho, uma ação imediata que busque resgatar o aluno “evadido”, e outra de reestruturação interna, que implica na discussão e avaliação das diversas questões enumeradas acima.

Sabe-se que inúmeras iniciativas devem ser tomadas no combate à evasão escolar. Por isso, é necessário pontuar que os estudantes possuem motivos que devem colocar os profissionais da educação em alerta, uma vez que não podemos apontar um fator principal para o seu afastamento da escola, mas vários fatores significativos, o que provoca uma evasão considerável. Percebe-se, portanto, que a evasão escolar é uma questão gigantesca que atinge o cenário educacional brasileiro. Observamos que os alunos da modalidade EJA têm necessidades diferentes do aluno de ensino regular. Logo é um sujeito que dentro do contexto social atua de forma distinta dos outros sujeitos/estudantes. Portanto, carece de uma atenção diferenciada por parte dos professores e do sistema educacional em geral Freire enfatiza que:

O educador preocupado com o problema do analfabetismo dirigiu-se sempre às massas que se supunham “fora da história”; a serviço da liberdade, sempre dirigiu-se às massas mais oprimidas, confiando em sua liberdade, em seu poder de criação e crítica. Os políticos, ao contrário, não se interessavam pelas massas, senão na possibilidade de estas serem manipuladas no jogo eleitoral. (1980, p. 21).

Assim, entende-se que os alunos dessa modalidade não evadem por um único fator de caráter interno ou externo da escola, mas sim a junção de situações implica na falta de seu progresso escolar.

Com ênfase nisso , é preciso que educadores e demais profissionais cada vez mais se preocupem com essa questão. No entanto, é importante que mais do que apontar um ou outro responsável, a grande questão deve ser buscar formas, soluções para essa problemática. Já que entendemos que nos próximos anos teremos alunos com os mesmos perfis e muitos deles com as mesmas necessidades e dificuldades, é que fica claro que, essa situação delicada está suscetível a mudanças, como a novos rompimentos.

Os indivíduos, de certa forma marginalizados, carentes, dos processos educativos formais se acumulam e se tornam visíveis simultaneamente. O trabalhador que volta à escola, nessa condição de estudante trabalhador, para conquistar seu direito à educação, sem se desvincular de seu estado de trabalhador, que de acordo com a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: “§ 2º *A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.*” Sendo assim, o trabalhador/estudante tem o total direito, garantido por lei, a sua permanência na escola e permanecendo na classe de trabalho. No entanto, é de certa forma negado pelo sistema escolar, e pela conjuntura sócio-econômica, quando não são desenvolvidos meios eficazes que garantam a permanência e a conclusão das etapas formais da educação. Para que esse direito seja realmente garantido, supõe-se que é necessário considerar a condição de trabalhador desses estudantes e promover uma educação que não se restrinja ao simples recebimento de uma titulação ou uma mera compensação do tempo perdido.

3 METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa realizado é de caráter etnográfico, ou seja, tudo o que observamos está registrado com detalhes. Segundo André:

(...) buscando registrar um grande volume de dados, exigidos pelo tratamento estatístico, segmentam os comportamentos em unidades mensuráveis, o que coloca limites arbitrários em algo que é contínuo. Pode-se dizer, assim, que, nesse tipo de estudo, há uma supervalorização da metodologia em detrimento da teoria - é o que acontece, por exemplo, ao se usar um sistema de categorias que separa o cognitivo do afetivo - e uma preocupação exagerada com a objetividade, que leva a valorizar mais o número de observações que seu conteúdo. (ANDRÉ, 1997 p. 24).

Para a coleta dos dados usamos os seguintes instrumentos: a observação e uma entrevista estruturada, pois, segundo Noce (2000, p.03) “*O entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido. Não é permitido adaptar as perguntas a determinada situação, inverter a ordem ou elaborar outras perguntas*”. A coleta de dados foi realizada em duas escolas A e B.

A escola A funciona em um prédio pertencente a uma associação. Seu espaço físico tem uma diretoria, um escritório, uma sala para professores, sete salas de aula, quatro sanitários, uma cozinha, um salão, uma sala de leitura, uma sala de informática, uma cantina, uma sala para a coordenação, uma biblioteca e uma varanda. A equipe técnica- administrativa e técnica-pedagógica é formada por gestora, secretaria, coordenação pela manhã e à tarde, agente administrativa, docentes e pessoas dos serviços gerais.

A escola B, também pertence a uma associação, sua construção como escola não se difere da realidade da escola A. Seu espaço físico é formado por uma sala da diretora, oito salas de aula, três sanitários, uma cozinha, uma dispensa, um almoxarifado, um pátio, uma sala de leitura e um espaço ao redor da escola que funciona como quadra para o recreio dos alunos.

As amostras da pesquisa foram coletadas em duas turmas da EJA, e cada escola. O trabalho realizado não ofereceu nenhum risco aos sujeitos da pesquisa, pois implicou apenas em coleta de dados baseadas na observação e questionário, não trazendo danos físicos, danos à saúde mental, ou afetando os sujeitos em seu desenvolvimento em nenhum aspecto. Pelo contrário, pretende trazer futuros

benefícios aos mesmos. Além disso, a identidade dos sujeitos e das escolas foi preservada.

Quanto aos benefícios, proporcionará aos profissionais da EJA, uma reflexão sobre a sua concepção dos indivíduos da EJA, suas especificidades, e perfil socioeconômico dos mesmos, assim possibilitando com que busquem melhorias para suas salas de aula, e ampliem suas visões sobre a prática docente no ensino/aprendizagem da EJA.

Realizamos três visitas em cada turma. Foi efetuada uma entrevista com os professores (as) das mesmas e aplicado um questionário com aos alunos, para assim termos subsídios para a análise da discussão dos recursos e fundamentos abordados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta parte do trabalho iremos apresentar os dados e as análises dos mesmos e sua organização. Os mecanismos para coleta dos dados foram: a observação, questionários e a entrevistas aos professores (as), os quais nos possibilitarão o conhecimento do espaço físico da sala de aula e as atividades realizadas pelos professores, os alunos e algumas considerações relevantes para a análise dos dados, com o objetivo de tentar suscitar os questionamentos sobre a realidade socioeconômica dos alunos, as principais causas de evasão, as principais dificuldades encontradas na sua prática profissional dos docentes, nos contextos da EJA. Da entrevista aos professores (as), destacamos as seguintes questões:

Questões	Respostas
Professora escola A 1º O que você entende por EJA?	<i>“Modalidade de ensino, segundo a LDB”</i>
2º Qual sua visão perante os recursos que utiliza na EJA? Por quê?	<i>“Bom, mas, não desenvolvidos com o olhar para EJA”</i>
3º Qual sua visão da EJA?	<i>“Modalidade que não tem prioridade de investimento, no entanto necessária para o público fora de faixa, que não teve oportunidade de estudar no tempo certo.”</i>
4º O material didático que você utiliza é coerente com a realidade dos alunos?	“Não”
5º Qual é a realidade socioeconômica dos alunos?	<i>“pedreiros, desempregados, aposentados, auxiliar de mecânicos.”</i>
6º Quais as principais causas de evasão dos seus alunos?	<i>“Busca de trabalho, não atingir o que desejavam e aprender em pouco tempo.”</i>
7º Quais as principais dificuldades encontradas na prática profissional da EJA?	<i>“Material não ser específico para EJA, baixo alto estima dos alunos e grande número de abandono.”</i>

As respostas da professora da escola A, foram bem claras quanto aos questionamentos. Percebeu-se, portanto, que ela conhece a amplitude da modalidade EJA, que vai bem além das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), carece de um profissional que tenha paciência e entenda a modalidade EJA, respeitando sua complexidade e suas especificidades, sendo flexível, porém não deixando a desejar nos assuntos abordados e destinados para o contexto.

De acordo com as respostas dessa professora, apesar de não terem sido tão coerentes, quanto almejamos, como nas respostas das questões: (1º O que você entende por EJA?), notamos que a professora da escola A tem apenas a LDB como fundamentação de resposta. No entanto, ela enfatiza muito bem a realidade que a sala de aula da EJA é, de acordo com o que foi observado e com alguns pesquisadores e teóricos.

Em suas posteriores respostas, percebe-se, portanto, a coerência das mesmas com o que vem sendo abordado ao longo deste estudo, com a realidade vivenciada na EJA e com o que foi observado, quanto ao que foi vivenciado pelos profissionais e alunos.

Quanto às respostas da professora da escola B, apesar de não ter tido clareza em suas respostas, não diverge das respostas da professora da escola A, quanto à realidade vivenciada por ambas, mesmo quando ela enfatiza: *“Tenho acesso a vários recursos inclusive tecnológicos, o que facilita o desenvolvimento das aulas.”*(PROFESSORA, ESCOLA B) e argumenta servir como auxílio em suas aulas. No entanto, não é fundamental para a modalidade em questão, e isso difere muito da escola A.

Quando abordamos sua vivência e dificuldades do contexto, a professora da escola B, deixou a desejar, pois não teve coerência em sua resposta, como em outras questões, no entanto foi observado uma mesma realidade comum no ensino da EJA.

A professora da escola (A), em suas poucas palavras, demonstrar suas angustias quanto ao material desvinculado da realidade dos alunos, sobretudo ela bem objetiva, quanto a angústia que enfrenta em trabalhar em uma modalidade que deixa a desejar, tanto no seu material didático, quanto a evasão dos alunos por necessidade de trabalhar, que os força a se desvincular da escola, moldando a realidade que, de acordo com Koch;

(...) a relação escola/trabalho merece ser analisada não só em termos de compatibilidade de horários de trabalho e de ensino, mas também em termos de metodologias específicas para esse tipo de aluno [...] Essa situação leva-nos a questionar a realidade dessa escola para esse aluno que, mais do que estudar, precisa trabalhar para sobreviver. (KOCH, 1992, p. 570).

Não se pode negar essa realidade a qual aborda Koch, pois é constante e estar carecendo de um olhar, direcionado para esse questionamento, para que seja modificado, pois não podemos deixar passar a ser uma realidade do conhecimento de todos como se perfaz e não fazer nada por isso, o sistema educacional, a LDB e as leis regentes atuais, estão carecendo ficar atentos, quanto aos indivíduos não só da EJA, mas a uma sociedade que só tem a perder se continuar na “mesmice” e no “abismo” da degradação social de uma população que precisa ter seus direitos educacionais garantidos em sua efetivação.

Questões	Respostas
Professora escola (B) 1º O que você entende por EJA?	<i>“Trabalhar com jovens, adultos e idosos, é antes do mais, lidar com essas pessoas que se difere do regular, é entender que necessitam um pouco mais de atenção paciência e compreensão”</i>
2º Qual sua visão perante os recursos que utiliza na EJA? Por quê?	<i>“Tenho acesso a vários recursos inclusive tecnológicos, o que facilita o desenvolvimento das aulas.”</i>
3º Qual sua visão da EJA?	<i>“São pessoas que procuram a escolar, após ter passado por inúmeras fases da vida e retornam a escola para tentar recuperar parte do tempo perdido, é tanto que agora utiliza-se da EJA.”</i>
4º O material didático que você utiliza é coerente com a realidade dos alunos?	<i>“Nem sempre, poderia ter uma revisão maior para as especificidades da EJA.”</i>
5º Qual é a realidade socioeconômica dos alunos?	<i>“Muito baixa, porém em alguns casos tem profissional regularizado.”</i>

6º Quais as principais causas de evasão dos seus alunos?	<i>“Trabalho.”</i>
7º Quais as principais dificuldades encontradas na prática profissional da EJA?	<i>“Perceber se que muitas vezes á um descaso de alguns profissionais, não todos procura turmas da EJA, para complementar a carga horária, pois já estão desmotivados pelo cansaço, mais ainda encontramos educadores que fazem um trabalho diferenciado e os tratam como eles realmente merecem.”</i>

Quanto ao perfil socioeconômico dos alunos, foi bastante visível na fala das professoras o “trabalho” aparece como um dos motivos os quais levam a evasão escolar dos mesmos.

Nesse tópico iremos montar uma amostrar do perfil das turmas da EJA, baseado nas respostas dos alunos da EJA na pesquisa em questão. Serão enfatizados os seguintes aspectos:

O perfil socioeconômico dos alunos

A media de idade dos alunos da pesquisa;

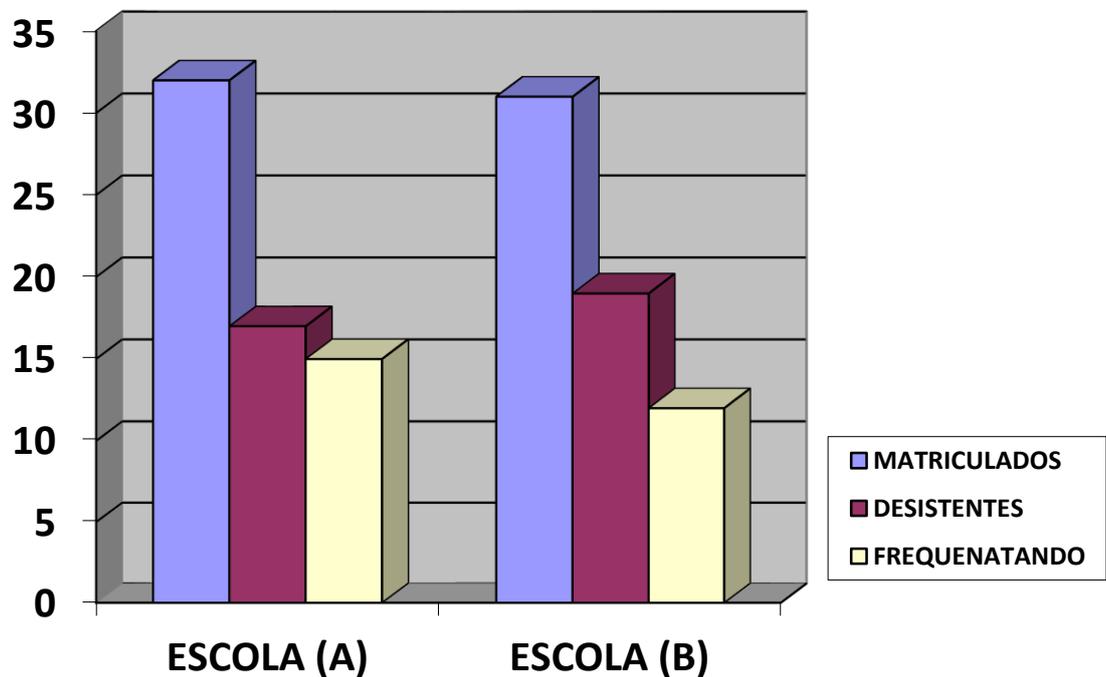
A evasão das escolas em questão;

O motivo da volta à escola;

As principais dificuldades enfrentadas na EJA;

Escola (A) e (B), de 14 a 61 anos, a diferença de idade é gritante, esse é um dos motivos de alguns dos alunos ter questionado os desinteresse dos colegas em sala de aula.

Gráfico: Taxa de evasão que oferece a escola (A) e (B), na EJA:



É bastante visível a taxa de evasão nas escolas (A) e (B), se perfazendo mais uma vez um quadro atual, que clama a carência de mais atenção. Tanto nas entrevistas com os professores (as), quanto com os alunos, foi sempre batido na mesma tecla a necessidade de trabalhar como um dos fatores pioneiros da evasão da EJA se relacionando com o perfil socioeconômico dos alunos.

Pode-se classificar como indivíduos desfavorecidos de renda, ou questão financeira, que os permitam estudarem e trabalhar, carentes de conhecimento e de fazer parte de uma sociedade que os deixam a margem da sociedade.

São trabalhadores autônomos, desempregados, domésticas, pedreiros, ajudantes de pedreiros, entre outras profissões. Essa é a realidade do aluno da EJA, que não se difere na fala das professoras, dos teóricos e pesquisadores abordados ao longo do estudo. É bastante visível a necessidade do aluno da EJA, precisar abandonar a escola para trabalhar, visando seu sustento e dos seus familiares, um fato que entristece quando estamos em um país que tem bons projetos e iniciativas, direcionadas à educação. No entanto, não tenta suprir as falhas do sistema educacional já existente, como o que é o descaso a dos “trabalhadores/EJA”, que enfatizou as professoras e os alunos demonstram e abandonar a sala de aula.

Um dos motivos da volta à escola é a necessidade que se faz por qualificação de mão de obra para o trabalho, claro que toda regra existe uma exceção, tem alguns casos, que é por incentivo dos familiares, ou amigos, porém o quadro maior é para conseguir um trabalho melhor, ou apenas um trabalho.

No retorno à escola os alunos declararão como maior dificuldade enfrentada na EJA, “aprender a ler e escrever”, pois por estarem cansados, e estar há muito tempo fora da escola, não tem paciência para tal complexidade, de acordo com Tavares, (2007 p.21). *“A escrita é constituída de uma atividade psicomotora extremamente complexa, na qual participa os aspectos da maturação do sistema nervoso, expressado pelo conjunto de atividades motoras.”* Pois, é processo complexo que precisa de atenção, paciência e insistência na decodificação das letras, pois a sociedade não valoriza os letrados que não sabem decodificar códigos criados pelo homem. Segundo Freire, que traz o ensinamento pela palavra, deixa claro que é, mas fácil, ensinar ler e escrever, através de mecanismos que você traz do “berço” que é a fala, e enfatiza o seguinte: “Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.(Freire, 2002, p. 58)”. Se todos os profissionais se atinassem a essa prática, possivelmente os alunos poderiam ter outras questões como pontos negativos na EJA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temos a intenção de resolver o problema da evasão escolar, nem tão pouco no município de Garanhuns. No entanto, tentamos trazer, através deste estudo, uma amostra das possíveis “causas” e apontar supostas “soluções”, para tal “problema”. Pois o futuro do país e do mundo não está nas mãos somente dos governantes e representações políticos, não depende unicamente de programas educacionais de influências externas e internas. É uma responsabilidade que cabe a todos nós, como profissionais da educação, sociedade, e governantes, desenvolvermos políticas que abordem sempre o bem estar, dando ênfase a leis que vigoram no país.

Um dos fatores principais da evasão escolar na EJA, é a necessidade que os alunos têm de trabalhar, para seu próprio sustento e de sua família, como também a necessidade que todos têm de aprender a ler e escrever e assim se sentirem indivíduos socialmente reconhecidos. Essa questão de reconhecimento se dá devido ao preconceito, que os mesmos sofrem no decorrer da vida social. Portanto, cabe a nós profissionais da educação, governantes, e sociedade em geral, garantir o direito à educação, de que todos têm direito, pois é através de ações dessa natureza que estamos auxiliando a construção de uma sociedade digna.

Assim, desmistificando e removendo as viseiras que permeiam o meio, unicamente se fazendo por interesses da elite. Claro que não será possível libertar-se dos “maus costumes”, preconceitos e estereótipos que estão impregnados na entranhas da educação e suas políticas administrativas. Podemos acreditar, portanto, que é através de uma educação de qualidade que exercemos nosso papel de cidadão e possibilitamos a formação de uma futura sociedade digna. Embora nem todas as pessoas desfrutem das mesmas oportunidades. Porém como profissionais da Educação poderemos dar o melhor; atuando como educadores comprometidos com dedicação e ética para obtermos um ensino de qualidade, respeitando sempre as especificidades e culturas de cada um.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. (1997). **Tendências atuais da pesquisa na escola**. Cad. CEDES. 18. 43, pp. 46-57. Acesso em: 14 ago. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200005>.

AQUINO, Júlio Groppa. **Erro e fracasso na escola – alternativas teóricas e práticas**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1997.

ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL, *LDB*. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação de jovens e adultos: proposta curricular para 1º segmento do Ensino Fundamental**. São Paulo: Ação educação; Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 33 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

GONÇALVES, Jane Terezinha Santos. **Alfabetiza Brasil: Alfabetização de jovens e adultos**. Ed. Módulo. Curitiba, 2007.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Cortez, 1992.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para análise de políticas educacionais. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan/abr 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In RIBEIRO, V. M. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos**: novos leitores, novas leituras. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

KOCH, Zenir Maria. A volta dos excluídos: como conciliar estudo e trabalho. Notas de pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. nº 175. v. 73. Set/Dez/1992. p. 567-612.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. Cadernos Pedagógicos do Libertad, 3ª ed. São Paulo: Libertad, 1995.

APÊNDICE A- ENTREVISTA DESTINADA AO PROFESSOR

Escola:

Professor (a):

Data:

1º O que você entende por EJA?

2º Qual sua visão perante os recursos que utiliza na EJA? Por que?

3º Qual sua visão da EJA?

4º O material didático que você utiliza é coerente com a realidade dos alunos?

5º Qual é a realidade socioeconômica dos alunos?

6º Quais as principais causas de evasão dos seus alunos?

7º Quais as principais dificuldades encontradas na prática profissional da EJA?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

Escola:

Aluno (a):

Data:

1º Qual sua idade?

3º Qual o motivo levou você a desistir dos estudos?

2º O que levou você a voltar a estudar ?

4º Você trabalha atualmente?Qual sua profissão?

5º O que você acha da EJA?

6º Quais as principais dificuldades encontradas na sala de aula?